

Numa pequena livraria de Lisboa,
uma livreira leva uma vida dupla...

A
Livraria
dos
Segredos

KERRY BARRETT



*Ao meu pai, Brian, que adorava Portugal
e romances de espionagem, e de quem todos temos saudades.*

Capítulo 1

Londres

Verão de 1938

— Acho que foi um êxito — declarei, olhando para o auditório onde o público tinha começado a sair. — Parece que toda a gente gostou do espetáculo.

— Toda a gente adorou — disse a April. A minha melhor amiga ainda estava com a roupa de cena, um vestido de baile cintilante que tinha usado para cantar. Estava muito bonita. — Foi a homenagem perfeita ao teu pai, aqui no teatro dele.

— Pois foi — assenti, sentindo as lágrimas pela centésima vez naquele dia.

A April estendeu-me uma garrafinha de bolso e dei um gole, agradecida, sem sequer saber o que tinha lá dentro. Era conhaque, que não apreciava lá muito, mas que me soube bem. Bebi mais um gole.

— Sinto como se fosse o fim de alguma coisa — suspirei.

— Não é o fim, é um novo começo. — A April arregaçou o vestido para se conseguir sentar à beirinha do palco, e puxou-me pelo braço para eu me sentar também. — O teatro não vai a lado nenhum. Só tem um nome novo, mais nada.

Assenti, pressionando os lábios.

— O pai ficaria orgulhoso ao saber que deram o nome dele ao teatro.

— Tenho a certeza de que sim. — A April tirou-me a garrafinha da mão para dar um gole; depois, enlaçou-me com o braço e eu encostei-me a ela. — E também estaria orgulhoso de ti. Da tua aventura pela Europa...

Senti um arrepiro nervoso. Atravessar a Europa parecia-me subitamente uma viagem demasiado longa.

— Não tenho a certeza de que deva ir — confessei.

— Lara, o teu pai havia de querer que fosses — disse a April.
— Foi por isso que te deixou dinheiro para o bilhete no testamento.
Tens de ir.

Fiz uma careta.

— Mas eu gosto de Londres. Sou britânica.

A April atirou-me um olhar desdenhoso.

— Metade britânica — redargui. — O teu pai queria que mantivesses contacto com o teu lado português. Até te convenceu a fazer aquelas aulas de conversação.

Era verdade. Tentei mudar de argumento.

— Mas tenho família aqui. Não preciso de mais.

— Só tens o Wilf — retorquiu a April, virando-se para o fundo do auditório, onde o meu primo estava a endireitar a faixa onde se lia «Teatro Ernest Hope». — Mas ele é sobrinho do teu pai, não perence a esse lado da família. E até ele pensa que devias ir a Portugal.

— Ela tem razão — concordou o Wilf lá do fundo com um ar jovial, afastando-se para ver se a faixa estava alinhada. — Quanto mais não seja porque já compraste os bilhetes e vais partir amanhã, de maneira que é demasiado tarde para pedir o reembolso.

— Que seca de motivo — resmungou a April.

— Achas que tomei a decisão certa? — perguntei-lhe. — Será?
A April deu-me um ligeiro aperto nos dedos.

— Sim — respondeu. — Isto era essencialmente o último desejo do teu pai.

— Valha-me Deus, April! És tão dramática. — Revirei os olhos.
— Mas talvez tenhas razão.

— É claro que tenho razão! Desde que te conheço que sempre quiseste saber mais acerca da família da tua mãe. Esta é a oportunidade.

Peguei na garrafinha outra vez e recostei-me para trás enquanto bebi, apoiada nos cotovelos. Eu também continuava com a roupa de cena, embora tivesse um fato de rapaz, da produção do último Natal de *Dick Whittington*, dado que a minha última cena no cabaré, que

organizámos para assinalar a mudança de nome do teatro, tinha sido um interlúdio cómico.

— Mas vou sentir falta de toda a gente — respondi, achando imediatamente que estava a ser patética. — E além disso, mais importante ainda, vou estar imenso tempo fora do palco. E se a viagem prejudicar a minha carreira no teatro? O pai não havia de querer isso.

A April fez um trejeito trocista.

— O teatro ainda vai estar aqui quando voltares — disse ela. — Não vamos a lado nenhum.

O Wilf desceu o corredor central para vir ter connosco. Sentou-se ao meu lado, e eu escondi um sorriso ao vê-lo olhar para a April com uma expressão sonhadora.

— Enfim — disse ele —, pelo menos esperemos que sim.

A April resmungou.

— O que queres dizer com isso?

— Pode haver uma guerra — respondeu o Wilf. — Talvez.

— Achas mesmo? — perguntei, sentindo-me subitamente nervosa. — Pensei que, agora que anexaram a Áustria, os alemães ficassem satisfeitos.

O Wilf fez uma expressão carrancuda.

— Não sei se vão parar por aí.

— Mas isso não nos afeta a nós, com certeza — disse a April. — Não vai haver guerra nenhuma.

— O que farias, se houvesse? — perguntei ao Wilf. — Alistavas-te?

Fiquei angustiada só de pensar nisso. O meu pai tinha combatido na última guerra. Tinha estado nas trincheiras; foi aí que conheceu o meu tio português, servindo ao lado dele. E, por sua vez, foi assim que conheceu a minha mãe. Anos mais tarde, quando estava a tentar lançar a sua companhia de teatro, escreveu uma peça sobre a sua experiência na guerra que acabou por ser um êxito. Portanto, de certa forma, a guerra tinha mudado a vida dele para melhor. Mas eu sempre reparei na sua expressão assombrada quando

se falava nisso, e sabia que ele ficaria horrorizado com a perspectiva de um novo conflito.

— Eu voava — respondeu o Wilf.

— Num avião? — A April parecia incrédula.

— Num avião, obviamente — disse ele. — Faltam-me as asas. A April riu-se, o que o deixou felicíssimo.

— Queres ser piloto? — perguntou ela. Estreitou os olhos e observou o Wilf, que ficou vermelho sob o escrutínio dela.

— Talvez.

— Sempre quiseste voar, desde pequenino — disse eu. — Ainda me lembro daquela vez em que estávamos nos penhascos de Eastbourne a ver as gaivotas e a coitadinha da tua mãe estava nervosíssima.

— Ela achou que eu ia atirar-me ao mar.

— Ela ficaria horrorizada se soubesse que queres ser piloto.

— Bem, então se calhar é melhor não lhe contar. — O Wilf fez uma careta. — De qualquer maneira, já não a vejo assim tanto.

Ri-me. Era um tipo engraçado, o meu primo. Era muito inteligente, e tinha um bom emprego como funcionário público (não sei muito bem a fazer o quê, tirando o facto de que soava bastante enfadonho), mas, no fundo, não passava de um escuteiro crescido, sempre a pregar partidas e à cata de aventuras.

— Acho que darias um excelente piloto — disse a April. — Eles não têm de ser corajosos e assim?

— E assim, sim — respondeu o Wilf, fazendo um ar deliciado por ela ter dito que ele era corajoso.

— Mas não é tremendamente perigoso? — perguntei.

— Duvido que haja algum trabalho seguro numa guerra.

— Não vai haver nenhuma guerra — asseverei. — Outra vez, não.

O Wilf parecia prestes a contradizer-me, mas eu olhei para ele muito séria, porque não queria falar da guerra, e ele não disse mais nada.

— Então, pronto — mudei de assunto. — Eis o que vou fazer. Vou a Lisboa, porque o meu pai queria que eu fosse. E vou conhecer

a minha família portuguesa e travar amizade com os meus vários primos, que devem ser todos interessantíssimos e apaixonantes.

— Estás a ser um bocadinho trocista — comentou o Wilf entre dentes. Optei por ignorá-lo.

— E vou aprender a cantar aquelas músicas tristes e estranhas...

— Fado — lembrou a April, muito prestável. — Chama-se fado.

— Vou cantar fado, beber vinho do Porto e abraçar o meu lado português durante um mês, no máximo dois — continuei. — E depois, quando estiver farta do sol, hei de voltar para casa e ser protagonista numa peça no West End.

— E o público vai adorar-te — acrescentou a April.

— Vai adorar-nos — corrigi. — Não tenciono fazer isto sem ti. Ela sorriu.

— Estava à espera de que disseses isso.

— E depois vão-nos oferecer os papéis principais num filme — proclamei, tal como já tinha feito centenas de vezes sempre que estávamos as duas a planear o nosso futuro. — Com dois galãs de cair para o lado a acompanhar-nos.

— O Clark Gable? — sugeriu a April.

— Sem dúvida.

— E o Humphrey Bogart?

— Oh, sim, por favor.

O Wilf resmungou qualquer coisa.

— E vamos ganhar dois Oscars pela nossa atuação — continuei, dando um pontapé ao Wilf. — Vamos ser as primeiras...

— «As primeiras atrizes a partilhar o Oscar de Melhor Atriz» — disse ele, fingindo-se aborrecido. Pelo menos achei que estava a fingir.

— Podes troçar à vontade — respondi —, mas consigo vê-lo claramente na minha imaginação.

— Eu também — concordou a April. Levantou-se de repente, um pouco trôpega, por causa do vestido (e do conhaque), e fingiu que estava a segurar um prémio.

— Gostava de agradecer à Academia — entoou, num tom de voz vagamente parecido com o da Katharine Hepburn.

Rimo-nos os três, e o Wilf levantou-se por seu turno.

— Tenho de ir andando — disse ele. — Amanhã preciso de estar no trabalho bem cedo.

A April virou-se para ele com um ar genuíno de pena.

— Coitadinho — disse ela. — Deve ser horrível ter um trabalho das oito às seis.

O Wilf revirou os olhos e esticou o braço, para me ajudar a levantar. Pobre rapaz. Tivera de aturar as minhas fantasias de me tornar atriz desde que eu era pequena. Era quatro anos mais velho do que eu, e tinha sido (percebia agora) imensamente paciente com os pequenos espetáculos e peças infantis que eu lhe queria mostrar. E ali estava ele, um homem feito, ainda a tolerar os meus devaneios de grandeza. Além dos da April, é claro, embora eu tivesse quase a certeza de que ele aceitaria tudo o que a minha amiga fizesse, a julgar pela maneira sonhadora como olhava discretamente para ela.

Tive um ataque de afeto súbito, e dei-lhe um abraço.

— Vou sentir a tua falta — sussurrei. — Prometes que me escreves?

— É claro que sim. — Ele apertou-me com mais força. — O tio Ernie teria muito orgulho em ti. Tal como eu tenho.

— Não tarda nada estarei de volta — disse eu.

— Tenho a sensação de que Lisboa nem vai saber o que a atingiu — disse ele. — Até para a semana, April.

O Wilf saltou do palco e abalou na direção das portas do teatro. Virei-me para a April.

— É agora — disse eu.

Ela agarrou-me nas mãos.

— É agora.

— Estou um bocadinho angustiada.

— Isso é porque bebeste demasiado do meu conhaque. Não tem nada que ver com a viagem.

— É possível.

A April encarou-me, com os olhos a encherem-se de lágrimas.

— Estou cheia de inveja, e vou ter tantas, tantas saudades tuas.

— Vem comigo — pedi.

Ela abanou a cabeça.

— Esta é a tua aventura — disse. — Vai lá procurar a família da tua mãe, e depois volta a correr para casa e conta-me tudo.

Senti mais uma pontada de nervos, mas desta vez foi quase imediatamente substituída por entusiasmo.

— Vou a Lisboa — disse eu. — Mal posso esperar!

Capítulo 2

Lisboa

Uma semana depois

Lisboa era gloriosa. Desde o instante em que saí do comboio, fiquei rendida aos sons, às cores e à luz do sol. Tinha reservado um quarto de hotel no centro histórico e, com a ajuda de um mapa e de alguns habitantes simpáticos, meti-me a caminho, com a mala a bater-me nas pernas. Era um prédio grande com azulejos na fachada, virado para um pequeno jardim e ao lado de uma enorme igreja branca. Pareceu-me tremendamente exótico e fascinante. Fiquei um minuto parada à porta do hotel, a observar tudo e a deixar-me imbuir pelo ambiente. O meu pai tinha tido toda a razão em obrigar-me a vir. Sempre me conheceu melhor do que eu própria.

Olhei para o céu azul e soprei-lhe um beijo.

— Obrigada, pai — sussurrei.

Peguei outra vez na mala e subi os degraus de pedra do hotel.

— Bom dia — disse em português à mulher na receção.

— Bom dia.

— Lara Hope — apresentei-me. E depois, testando o meu português, acrescentei: — Reservei um quarto.

— Sim — disse ela.

Fiz um ar radiante, porque ela me tinha compreendido, e a mulher retribuiu-me o sorriso, de uma forma mais cautelosa, mas ainda assim amigável.

— É britânica? — perguntou-me, em inglês.

— Sou de Londres — respondi, em português.

— É a primeira vez que vem a Lisboa? — indagou, voltando a mudar para o português, primeiro demasiado depressa para eu conseguir percebê-la, repetindo depois a pergunta mais pausadamente.

Senti as palavras encaixarem-se umas nas outras dentro do meu cérebro e acabei por assentir.

— A minha mãe era portuguesa — contei-lhe. — Vim conhecer a minha família.

Ela entregou-me a chave do quarto.

— Tem um ar português — disse ela, inclinando a cabeça como se me estivesse a estudar. — Os olhos e o cabelo.

Fiz-lhe um sorriso.

— E a energia, também. — A mulher levou as duas mãos ao peito. — Tem uma energia portuguesa.

Voltei a sorrir-lhe, absurdamente feliz.

— Obrigada.

O meu quarto era bastante frugal, mas limpo e luminoso, com umas portadas brancas para manter o sol afastado. Atirei a mala para cima da cama e escancarei a janela. Conseguia ouvir vozes na rua, além do canto dos pássaros. Era maravilhoso. Embora estivesse a milhares de quilómetros da minha Londres sombria e chuvosa, senti-me completamente em casa. Talvez fosse mesmo portuguesa, pensei. Mesmo não tendo recordações da minha mãe, talvez tivesse sangue ibérico a correr-me nas veias. A ideia agradou-me.

Desfiz a mala à pressa, enfiando a roupa à toa nas gavetas, e depois peguei cuidadosamente na fotografia emoldurada que tinha trazido comigo, embrulhada numa camisola (que me ocorreu que não seria afinal necessária, porque o tempo ali era magnífico). Felizmente, a camisola grossa de lã tinha cumprido a sua função, e o vidro estava intacto. Era uma moldura dupla, dobrada ao meio, com uma fotografia de cada lado. Numa delas, estava eu e o meu pai. Tinha sido tirada logo a seguir à estreia da peça dele, *Over the Top*, e ele estava muito corado e feliz. Eu estava a sorrir na foto, mas lembrava-me de que estava mortinha por me escapar, porque tinha algo que não podia esperar para dizer ao Wilf, o qual tinha acabado de ver chegar. Já não sei o que é que podia ser tão importante que não me deixou desfrutar daquele momento com o meu pai, e agora tenho pena de não ter passado mais tempo com ele.

Do outro lado da moldura havia uma fotografia velha e desbotada de mim em bebé com a minha mãe. Era a única fotografia dela que eu possuía. Ela estava a pegar-me ao colo, a sorrir para o meu pai, que, segundo me tinha contado, estava atrás do fotógrafo. Tinha o cabelo preto comprido, como o meu, e sempre gostei da maneira como os dedos dela se dispunham no meu peito, a ampararem-me. A proteger-me de tudo.

— Vou conhecer a tua família — disse eu, tocando com as pontas dos dedos na cara da minha mãe na fotografia. — Tenho um nome e uma morada, e vou procurá-los.

Pus a moldura na mesinha de cabeceira e tirei o meu diário da carteira, onde tinha apontado tudo o que sabia acerca da minha família em Lisboa. Não era lá grande coisa. O meu pai tinha-me dado a morada da casa onde os meus avós viviam. Explicou-me que eles não falavam inglês, mas que mesmo assim lhes tinha escrito regularmente ao início, quando a minha mãe morreu, e depois menos frequentemente à medida que fui crescendo, já que eles nunca lhe responderam. Era uma das razões pelas quais ele sempre se mostrara tão determinado em que eu aprendesse português.

— Eles também são a tua família, Lara — dizia. — A tua mãe havia de querer que conseguisses falar com eles.

Encontrei o papel dobrado com a morada. Os meus avós chamavam-se Bernardo e Benedita. Gostava imenso da maneira como os nomes deles combinavam. É claro que tinha a noção afiada de que já seriam bastante velhos. Na verdade, era perfeitamente possível (até provável) que já tivessem morrido. Mas esperava pelo menos que ainda sobrassem outros elementos da família. O meu pai sempre dissera que a minha mãe tinha dúzias de primos, de tios e de tias.

— Agora é que é — murmurei para comigo. Guardei a morada no bolso do vestido, observei-me ao espelho e franzi o sobrolho. Tinha a cara suja, o vestido amarrotado e o cabelo emaranhado.

— Ou se calhar é melhor arranjar-me primeiro — disse para o meu reflexo.

Mudei de roupa, lavei a cara, pentei o cabelo e pus um pouco de batom. Após ficar mais apresentável, peguei na moldura outra vez e olhei para a minha mãe. Talvez dali a um par de horas estivesse a ver mais fotografias dela, a ouvir histórias sobre a sua infância e a conhecer a minha família. Voltei a pôr a moldura na mesinha de cabeceira e saí.

Já estávamos a meio da tarde, e o Sol brilhava intensamente no céu. Tinha uma vaga ideia da direção que precisava de seguir, e sabia que teria de atravessar a Baixa, com a sua imensidão de lojas e cafés. Fui andando devagar, ao início, porque estava a absorver as paisagens e os sons de Lisboa: as conversas à minha volta, os gritos de alguém a chamar um amigo, uma explosão de gargalhadas num café, as mercadorias desconhecidas à venda nas montras das lojas.

Depois, embora estivesse a gostar de tudo aquilo, acelerei o passo, porque estava ansiosa por encontrar a minha família. Seria ainda melhor conhecer a cidade com eles. Ter direito a uma visita guiada de alguém local. Aprender quais os melhores sítios. Perguntei-me se haveria um teatro. Com certeza que deveria haver. E havia as casas de fado, é claro, aquela música na qual a April se mostrara tão interessada. Mal podia esperar por conhecer a cidade inteira.

Tinha saído da parte principal da Baixa, entretanto, chegando a uma zona mais residencial. Tornei a consultar a morada e percebi com um arrepio de entusiasmo (ou de nervos) que estava na rua certa. Era larga e calçada com os mesmos paralelepípedos cinzento-claros que o resto da cidade. Os prédios eram altos, com portas estreitas que davam para o passeio e grandes janelas. Olhei para os números à medida que percorria devagarinho a rua, até chegar ao n.º 10. Era ali.

Detive-me à porta e respirei fundo. Depois, puxei uma corda e ouvi uma sineta pesada a tocar lá dentro.

Pensei por instantes que ninguém iria atender, até que um jovem pouco mais velho do que eu veio abrir. Era alto e magro, com os olhos e o cabelo escuros e duas covinhas na cara.

— Olá — cumprimentou com um ar intrigado. — Perdeu-se?
Are you lost?

Hum. Pelos vistos, eu não parecia assim tão portuguesa como a senhora do hotel tinha dito.

— Não — respondi lentamente. Num português hesitante, que se foi tornando mais confiante ao ver que o rapaz me compreendia, expliquei-lhe que estava à procura dos meus avós e da minha família. Disse-lhe o nome dos meus avós, da minha mãe e do irmão dela, mas ele olhou para mim com um ar desconcertado.

— Vou perguntar à minha mãe — respondeu. Virou-se e chamou para o fundo do corredor. — Mamã?

Apareceu uma mulher mais velha, que vinha a secar as mãos a um pano de cozinha, que entregou ao rapaz. Ele explicou à mãe de quem é que eu andava à procura (muito mais depressa do que eu) e a senhora fez um aceno de cabeça.

— O senhor Bernardo — repetiu. — Era bastante idoso. Morreu. Eu também assenti lentamente.

— E a Benedita?

Ela encolheu os ombros.

— Comprámos esta casa quando o senhor Bernardo morreu. Ele era viúvo, segundo me contaram. Ela deve ter morrido antes dele.

— E o resto da família?

— Ele morava sozinho — disse ela. — Parece que não tinha família. Ninguém que ficasse com a casa quando morreu.

Senti o coração cair-me até às sandálias.

— Não tinha mais família?

A mulher encolheu novamente os ombros.

— Não apareceu ninguém para ficar com as coisas dele — disse ela. — Não devia haver ninguém.

— Ninguém — repeti com a voz embargada. — Ninguém.

A mulher fez um ar condoído.

— A menina conhecia-o?

— Era meu avô.

Fez-se um silêncio ligeiramente confrangedor enquanto nos olhávamos: eu, a mulher e o rapaz. Até que por fim, odiando o ar de pena que lhes vi nos olhos, fiz um sorriso forçado.

— Obrigada — balbuciei. — Adeus.

Virei-me e voltei na mesma direção de onde tinha vindo, correndo rua afora até chegar à esquina, onde havia um banco de metal. Sentei-me (deixei-me cair, aliás) e respirei fundo, toda a tremer.

— Ninguém — disse para mim mesma. — Não sobrou ninguém.

Rolou-me uma lágrima bochecha abaixo, e depois outra. Eu não costumava ser dada à comiseração, mas sentia falta do meu pai, e sentia falta da minha mãe, embora nunca a tivesse conhecido, e agora também sentia falta dos meus avós. Senti-me vazia por dentro. Sozinha. E tão desapontada e triste.

Limpei as lágrimas, mas elas continuaram a cair. Procurei um lenço no bolso, mas não tinha nenhum. Então, sentou-se alguém ao meu lado, que me ofereceu um lençinho.

— É para si.

Levantei a cara e deparei com o rapaz de casa dos meus avós. Parecia preocupado.

— Obrigada — agradei. — *Thank you.*

Enxuguei os olhos e assoei o nariz.

— Está triste por causa do seu avô? — perguntou o rapaz, em inglês.

Fiz um aceno de cabeça.

— Não cheguei a conhecê-lo — expliquei devagarinho, com a voz embargada pelas lágrimas. — Nem à minha avó. Eles eram pais da minha mãe, mas também não me lembro dela. Só queria vir conhecê-los. Conhecer a minha família. — Tinha começado a falar mais depressa, e as lágrimas desataram a cair outra vez. — Queria saber quais eram as minhas origens, porque a minha mãe morreu. — Agora estava a soluçar para o lenço do rapaz. — E o meu pai morreu.

Ele chegou-se mais perto de mim no banco e pôs desajeitadamente uma mão no meu ombro, deixando-me chorar. Quando, por

fim, os soluços se tornaram menos convulsivos e a manga da camisa do rapaz enxugara todas as minhas lágrimas, ele sorriu-me.

— A menina fala muito depressa — confessou. — E o meu inglês não é lá muito bom. Mas lamento imenso que os seus pais tenham morrido.

Apertei os lábios.

— Obrigada.

— Chamo-me Miguel.

— Lara. Obrigada por ser tão simpático.

— A minha mãe mandou-me atrás de si — admitiu ele.

— Ficou preocupada consigo.

Aquilo fez-me sorrir.

— Então, obrigada à sua mãe por ser tão simpática.

— Veio de propósito a Lisboa conhecer a sua família?

Assenti.

— Acabei de chegar hoje.

— E vai ficar por cá?

Ainda não tinha pensado nisso. Olhei para a rua larga, para as árvores que a ladeavam e para o céu muito azul e encolhi os ombros.

— Talvez dois ou três dias — respondi. — Agora não tenho nenhuma razão para ficar.

O rapaz pareceu desapontado.

— Que pena. Lisboa é uma cidade magnífica.

— Londres também.

— Um dia, hei de visitar.

— Quando for, vá procurar-me — disse eu.

Ele levantou-se.

— Eu trabalho no British Bar. — Apalpou o bolso e tirou um recibo, que tinha o carimbo de uma morada. — Tome. Estou lá todos os dias. Se precisar de alguma coisa, venha ter comigo.

Peguei no recibo e, sentindo-me ligeiramente mais animada, sorri.

— Obrigada.

— A minha mãe diz que é muito importante ajudar os outros, sempre que pudermos.

— A sua mãe tem toda a razão — respondi. — Foram ambos muito bondosos.

— Espero que tenha uma boa viagem de regresso a Londres. — Fez-me um pequeno aceno a despedir-se e voltou a descer a rua até à casa onde os meus avós já não moravam.

Olhei para o recibo que tinha na mão e pensei deitá-lo fora, mas em vez disso dobrei-o e guardei-o no bolso. Ainda tinha o lençinho do Miguel na mão, e pu-lo também no bolso. Depois, respirei fundo, levantei-me e voltei para o hotel.

Capítulo 3

Passei a noite no hotel. Estava exausta quando cheguei, depois de calcorrear novamente as artérias da Baixa e as ruelas sinuosas que levavam à pequena praça onde estava hospedada. Peguei na chave à entrada, agradecendo à minha estrelinha da sorte o facto de a rececionista efusiva e tagarela ter sido substituída por uma senhora mais velha que se limitou a fazer-me um aceno de cabeça. Depois, subi as escadas, com as pernas pesadas. Tinha escurecido, e eu estava cansada do longo dia de viagem, da volta pela cidade e da desilusão. Assim que me sentei na cama, fui dominada pela necessidade de dormir. Tirei os sapatos e o vestido, enfiei-me debaixo dos lençóis e fechei os olhos.

De manhã, senti-me um bocadinho mais revigorada. Não tinha marcado a viagem de regresso a Londres, preferindo ver como corriam as coisas em Lisboa, mas tinha dinheiro para voltar para casa, e tinha o Wilf e a April, além da companhia de teatro, à minha espera em Londres.

Voltei a fazer a mala, embora praticamente não a tivesse desfeito, e olhei para a fotografia do meu pai.

— Pelo menos, tentei — disse-lhe em voz alta. — Se calhar Lisboa não foi feita para mim.

O meu pai fitou-me da fotografia.

— Vou voltar a Londres e começar a minha carreira. Vou deixar-te orgulhoso de mim, pai.

Embrulhei a moldura na minha camisola com cuidado e guardei-a na mala. Depois, desci as escadas e paguei pela noite.

Com a mala numa das mãos, e a carteira na outra, saí para a manhã luminosa e quente de Lisboa. A cidade era encantadora, pensei, virando a cara para o Sol. Talvez um dia regressasse com

a Abril, para passearmos as duas e ouvirmos o tal fado. Aposto que nos iríamos divertir.

Por agora, no entanto, ia voltar à Grã-Bretanha. Pousei a mala no chão e encostei-me à parede do hotel, a contar o dinheiro. Tinha mais do que suficiente para os bilhetes até casa. Na verdade, quando chegasse a Londres, ia trocar o que sobrasse em libras, xelins e centavos, e talvez tivesse dinheiro suficiente para pagar um quarto durante uns meses. Ou quem sabe umas aulas de representação. Não era assim que tinha planeado as coisas, mas também não era nenhum desastre. Ia aproveitar da melhor maneira o dinheiro que o meu pai me tinha deixado, mesmo que não tivesse o destino que ele queria.

Ainda agarrada à carteira, procurei o meu passaporte e tirei-o, a confirmar que estava ali.

— Tudo a postos — murmurei. Olhei para o relógio. Ainda era cedo. Tinha bastante tempo para procurar a estação de comboios e dar início à viagem até casa. Eu tinha vindo através de Paris, e depois Marselha, apanhando finalmente o comboio a partir do Porto. Era complicado chegar a Portugal sem atravessar Espanha, mas o Wilf não quisera que eu passasse por Madrid, dizendo que não era seguro, por causa da Guerra Civil. Achei que mais valia voltar pelo mesmo caminho...

Subitamente, e sem nada que o fizesse prever, um homem de bicicleta passou por mim no passeio, tão perto que lhe consegui cheirar o cabelo oleoso, arrancando-me sobressaltada aos meus pensamentos. Esticou o braço e, antes que eu pudesse perceber o que estava a acontecer, arrancou-me o passaporte e a carteira da mão e desapareceu, rolando colina abaixo, dobrando a esquina e perdendo-se nas entranhas da cidade.

Fiquei petrificada de espanto.

— Pare! — gritei, impotente. — Agarrem, que é ladrão!

Uma senhora que estava a passear o seu cão olhou para mim, desconfiada.

— Ele levou-me a carteira! — queixei-me, aflita. — E o meu passaporte! Roubou-me tudo!

A mulher encolheu os ombros, pegou no cãozinho ao colo e foi-se embora apressada.

Eu não sabia o que fazer. Fiquei parada onde estava, a contemplar a ladeira por onde o ladrão tinha fugido. Sentia-me furiosa, desamparada e estúpida. Como é que podia ter deixado aquilo acontecer? Ele tinha-me levado o passaporte, valha-me Deus! Como raio é que me ia desenvencilhar agora?

Toda eu tremia com o choque, sem saber o que faria, porque uma coisa era perder o dinheiro, mas muito pior era perder o passaporte. Não sabia ao certo como é que ia voltar para casa. Teria de arranjar um novo, sabe-se lá como. Haveria uma embaixada britânica em Lisboa? Calculei que sim, mas o meu conhecimento dessas coisas era algo vago.

Assim, sentindo-me aturdida e um pouco envergonhada, dei meia-volta e tornei a entrar no hotel. A senhora mais velha continuava na receção, e depois de respirar fundo, contei-lhe (num português hesitante) o que me tinha acontecido.

Ela empinou o nariz.

— São uma praga — respondeu. — Esses indivíduos de bicicleta andam por aí tão depressa. Não se pode ter o dinheiro assim à mão de semear.

Pois, agora eu já sabia. Era um pouco tarde para aquele género de conselhos.

Esforcei-me por lhe sorrir.

— O que devo fazer? — perguntei. — Devo ir à polícia?

Ela revirou os olhos.

— O que podem eles fazer?

Aquilo seria um não?

— Eu ia voltar para casa — disse à mulher, à espera que ela compreendesse a gravidade da situação. — Ia voltar para Inglaterra. Mas agora não posso, porque fiquei sem o passaporte.

— Quer o seu quarto de volta? — perguntou ela, procurando a chave. — Está livre.

Abanei a cabeça.

— Também fiquei sem dinheiro.

A expressão impassível dela tornou-se mais hostil.

— Nenhum?

— Nenhum.

Tirei o forro dos bolsos para fora, para lhe mostrar que estavam vazios, e deixei cair um papel. A mulher fez-me sinal para o apanhar, e eu fi-lo obedientemente.

— Não pode ficar aqui, se não tiver como pagar.

— Eu sei.

Houve um compasso de espera confrangedor, até que ela apontou para mim com a caneta, e depois para a porta.

— Vá-se embora, por favor — disse a mulher. — Os espaços do hotel são apenas para hóspedes.

Voltei desalentada à rua, onde o sol estava demasiado forte. O que faria eu sem dinheiro e sem passaporte? Talvez pudesse ir em busca da embaixada britânica. Será que lá conseguia chegar e pedir ajuda?

Ainda tinha o papel na mão. Olhei para ele, apercebendo-me de que era o recibo que o Miguel me tinha dado na véspera, com a morada do bar onde ele trabalhava.

O rapaz tinha dito para eu ir ter com ele se precisasse de alguma coisa. Bem, agora precisava de algo.

Desdobrei o papel e olhei para ele. Seria um sinal de que o meu pai estava a zelar por mim, onde quer que estivesse?

Abri a porta do hotel e a mulher na receção abanou a cabeça.

— Os espaços do hotel... — começou a dizer.

— Não vou ficar — retorqui. — Onde fica o British Bar?

Ela ficou nitidamente animada com a perspectiva de se ver livre de mim. Deu-me indicações detalhadas, chegando ao cúmulo de me desenhar um pequeno mapa numa folha de papel timbrado do hotel.

Ignorando os roncos de fome no estômago (tinha saltado o jantar na véspera e o pequeno-almoço de manhã), peguei no mapa. Depois, ergui o queixo, peguei na mala e saí. Lisboa tinha-me pregado uma partida, mas não me ia deixar abater.

Ainda era uma caminhada valente até ao bar. Os elétricos iam passando por mim com o seu abanar ruidoso, mas eu não fazia ideia de qual teria de apanhar para lá chegar, ou se algum deles iria para aquelas bandas. E é claro que não tinha dinheiro para comprar o bilhete, mesmo que perguntasse a alguém. Assim, continuei a andar, acartando a mala ao ombro enquanto limpava o suor da testa.

Quando descobri finalmente o British Bar, perto do rio, estava afogueada, e tinha as costas encharcadas da transpiração. Era um pequeno *pub* com janelas vermelhas.

Espreitei pelos vidros. Não tinha um ar lá muito britânico, exceto pelo nome escrito em letras douradas nas janelas. Tinha cerveja portuguesa à pressão e aquilo que pensei ser vinho do Porto nas prateleiras. Por trás do balcão, para meu grande alívio, vi o Miguel. Bati no vidro e ele levantou os olhos. Sorri e fez-me sinal para entrar.

— Minha amiga! — disse em inglês. — Veio visitar-me?

— Vim pedir ajuda — confessei.

— Sente-se, conte-me tudo.

Empoleirei-me num banco ao balcão, enquanto o Miguel fazia café. Depois, expliquei-lhe o que tinha acontecido, numa mistura de português e inglês.

— Há tantos visitantes que ficam sem dinheiro assim — disse ele. Ocorreu-me novamente que teria sido muito mais útil se mo tivessem explicado antes, mas também não me podia mostrar mal-gradecida.

— Fiquei sem dinheiro e sem passaporte — concluí. — Ia voltar para casa, mas agora não posso.

O Miguel encarou-me.

— Precisa de dinheiro?

— É claro.

— Precisa de um emprego?

Pensei no assunto. Não estava à espera de que alguém me safasse de mão beijada das minhas dificuldades. Calculei que trabalhar

fosse a única forma de arranjar dinheiro para fazer um novo passaporte e comprar os bilhetes de regresso a Londres.

— Sim — anuí. — Preciso de um emprego.

— Alguma vez trabalhou num bar?

Voltei a assentir.

— Sou atriz — respondi com um sorriso. — Trabalhei numa casa de chá, e em dois, não, três *pubs*, num café e em montes de restaurantes chiques. — Achei que mais valia omitir que a razão pela qual tivera tantos empregos era porque tinha sido despedida de quase todos.

Ele riu-se.

— É atriz?

— Pelo menos quero ser.

— Não posso ajudá-la com isso, mas posso arranjar-lhe um emprego aqui. Se quiser, é claro. O Tio está com falta de pessoal, e a menina é britânica. Ele vai adorar a ideia!

Senti uma tontura de alívio.

— A sério?

— A sério. — Ele voltou a sorrir. Era muito bem-parecido, e lembrava-me o Wilf, por se dispor a ajudar-me sem a mínima hesitação.

— Onde é que está alojada? — continuou o Miguel.

Encolhi os ombros.

— Estava num hotel, mas não posso pagar mais nenhuma noite.

— Não temos lá muito espaço, mas acho que pode ficar em nossa casa — disse o Miguel. — Pelo menos, duas ou três noites.

— Calculo que vá demorar mais do que isso a poupar o dinheiro para os bilhetes.

— Eu ajudo-a a arranjar um sítio, quando lhe pagarem.

Como boa londrina, estava ligeiramente desconfiada da sua generosidade.

— Posso pagar uma renda — respondi. — Quando tiver dinheiro.

— Não é preciso.

— Isto é temporário. Só até ter dinheiro suficiente para comprar os bilhetes e arranjar um passaporte novo.

— Sim, claro.

— E a sua mãe vai estar em casa? — Sabia por experiência própria que alguns homens esperavam ser compensados de outra forma, e não me apetecia ficar sozinha com o Miguel enquanto não o conhecesse melhor, por muito simpático que ele parecesse.

— Sim, vai. — Ele franziu a testa, a meditar na pergunta, até que a compreendeu finalmente com um ar escandalizado. — Não quero absolutamente nada em troca — asseverou com firmeza. — Nem isso, nem nada.

Parecia incomodado, de maneira que estiquei o braço por cima do balcão para lhe apertar a mão.

— Está a ser tão simpático comigo. Obrigada.

— É simpático ser simpático — disse ele em inglês, arrancando-me uma gargalhada.

— Onde é que aprendeu isso?

— A minha mãe tem uma amiga britânica. Ela passa a vida a dizer isso.

— Bem, a amiga da sua mãe tem toda a razão.

O Miguel dirigiu-se a uma porta de serviço por trás do balcão e chamou:

— Tio?

— Sim? — respondeu-lhe uma voz.

Num português muito rápido, o Miguel contou-lhe (pareceu-me) que tinha arranjado alguém para trabalhar que podia começar imediatamente, alguém com muita experiência como empregada de bar. Fiquei assustada: talvez tivesse exagerado um bocadinho.

— E, além disso, é britânica! — concluiu num tom triunfante.

Houve uma pequena pausa. Depois, onde quer que estivesse, o Tio gritou:

— Sim!

O Miguel virou-se de novo para mim, com um ar muito contente.

— Pode começar agora mesmo?

Encolhi os ombros.

— Não tenho mais nada que fazer.

Ele retirou um avental de cima de um monte de panos lavados atrás do balcão e atirou-mo.

— Bem-vinda a Lisboa — disse.

Sacudi o avental e amarrei-o à cintura.

— Não tenciono ficar — avisei. — É só por algumas semanas, até ter dinheiro para voltar para casa.

— Sim, é claro — disse o Miguel, com um brilho malandro nos olhos. — É só por algumas semanas.

**Numa livraria perdida nas ruas de Lisboa,
esconde-se um mundo de segredos,
perigo e resistência...**

1938 • Em busca de um recomeço depois da morte do pai, Lara Hope chega a Lisboa à procura de uma família que nunca conheceu. Com a guerra a assolar a Europa, Lara encontra refúgio e sentido de pertença na tranquila livraria da sua senhoria, num dos recantos mais bonitos da cidade.

Porém, ao reparar num cliente a trocar secretamente um livro por outro, apercebe-se de que a livraria não é apenas uma loja. Lara mergulha então num mundo labiríntico de mistério e dissimulação, encontrando novos amigos, um romance inesperado e até mesmo a realeza... Estará ela realmente preparada para arriscar tudo por uma nova vida?

**Mistério, romance e amizade num livro inspirador
que desvenda os meandros do mundo da espionagem
da Lisboa da Segunda Guerra Mundial.**

«Um romance deliciosamente *art déco*, com uma protagonista fabulosa e mordaz, e um conjunto de personagens muito distintas a passarem por extraordinárias aventuras em lugares exóticos — o que mais se pode pedir? Uma leitura maravilhosa!»

Marius Gabriel



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-420-8



9 789895 894208